

## O MISTÉRIO DA PALAVRA *noigandres* — RESOLVIDO?

ALFRED HOWER

*University of Florida, Gainesville, Florida*

Em 1904 o erudito alemão Emil Levy, especialista na língua provençal, aparentemente resolveu um velho problema a respeito de um poema do trovador Arnaut Daniel. Levy declarou que a leitura correta dos últimos versos, e especificamente das últimas palavras, da primeira estrofe da Canção XIII de Arnaut Daniel, era a seguinte:

D'un'aital flor don lo fruitz sia amors  
E jois lo grans e l'olors d'anoi gandres. (1).

Levy assim rejeitou a leitura de *de notz gandres* atodada por Raynouard no seu *Lexique roman* (2) e a de *de noigandres* usada por Canello na sua edição crítica das poesias de Arnaut Daniel, como também todas as outras variantes indicadas por Canello (*de noi gandros*, *de nuoiz gandres*, *de nuo gaindres* etc.) que aparecem nos vários manuscritos das canções do trovador. (3) Levy também rejeitou a tradução "muscat" dada por Raynouard para a palavra *gandres* e assim, por extensão, rejeitou a tradução "noix muscade" para a leitura de *noigandres* que aparece no *Essai d'un Glossaire Occitanien* de RocheGude (4) e no *Dictionnaire Provençal-Français* de Honnorat (5) e a tradução tentativa "noce reale"

---

(1) Emil LEVY, *Provenzalisches Supplement-Wörterbuch Berichtigungen und Ergänzungen zu Raynouards Lexique Roman*, vol. IV, Leipzig, 1904, p. 35 (no fim do verbete "gandir").

(2) [François Juste Marie] RAYNOUARD, *Lexique roman, ou dictionnaire de la langue des troubadours*, vol. III, Paris, 1836-45, reimpresso Heidelberg (1928), p. 422.

(3) U. A. CANELLO, *La Vita e le opere del trovatore Arnaldo Daniello. Edizione critica, Corredata delle varianti de tutti i manoscritti*, Halle, 1883, p. 112 e 166.

(4) [Henri Pascal de] ROCHEGUEDE, *Essai d'un glossaire occitanien, pour servir à l'intelligence des poésies des troubadours*, Toulouse, 1819.

(5) S. -J. HONNORAT, *Dictionnaire Provençal-Français, ou Dictionnaire de la Langue d'Oc ancienne et moderne*, vol. II, Digne, 1847, reimprimido Marseille, 1971, p. 717 e 317.

oferecida por Canello. (6) Para Levy, *gandres* era uma outra forma de *gandir*, que ocorre frequentemente em provençal no sentido de "afastar" ou "repelir" ou "banir", e *enoi*, como indicada em Raynouard, significava "ennui, souci, chagrin etc." Assim, segundo Levy, Arnaut Daniel não estava cantando de uma flor com o cheiro de noz-moscada mas de uma flor cujo cheiro afastava o tédio. René Lavaud, que em 1910 publicou uma "réédition critique" da obra de Canello, adotou o que ele chamava "la très heureuse lecture de Levy" e traduziu os versos em questão como "d'une telle fleur que son fruit soit Amour, sa graine Joie et son parfum Préservation d'Ennui". (7)

Ainda que *noigandres* fosse assim declarada uma palavra nula, uma palavra que nunca existiu na realidade, sendo apenas, segundo Levy, uma leitura errada, alguns anos mais tarde recebeu uma vida nova no Canto XX de Ezra Pound, escrito perto de 1924 mas não publicado até 1930. Num trecho curioso que fala do seu encontro com Levy na Alemanha, aparentemente em 1911, e da sua discussão a respeito da poesia de Arnaut Daniel, Pound pergunta ao famoso provençalista, "What do they mean by *noigandres*?". Parece estranho que Pound tivesse feito tal pergunta naquele ano, porque revela que Pound, que já tinha traduzido quase cinquenta poemas do provençal ao inglês e que portanto não era nenhum noviço no campo, não sabia que Levy muitos anos antes tinha proclamado a não existência de *noigandres*. Mas ainda mais estranha é a resposta feita por Levy, segundo Pound:

And he said: 'Noigandres! NOIgandres!  
'You know for seex mon's of my life  
Effery night when I go to bett, I say to myself:  
'Noigandres, eh, *noigandres*,  
'Now what the DEFFIL can that mean!'"(8)

Bem, tal resposta por Levy em 1911 só teria algum sentido se fosse feita no tempo passado ("when I *went* to bett, I *said* to myself") e se Levy explicasse depois que na sua opinião a palavra não significava nada porque tinha chegado à conclusão de que a leitura correta era *d'enoï gandres*.

Eruditos "poundianos" que já trataram desse trecho do Canto XX adotaram uma atitude um pouco sectária a respeito. Donald Davie, por exemplo, diz que é a "a pleasantly relaxed and effectionate reminiscence" da visita de Pound a Levy. (9) Um partidário de Levy, porém, provavelmente consideraria o trecho pouco agradável porque representa Levy

(6) CANELLO, p. 240, notas 6-7.

(7) René LAVAUD, *Les poésies d'Arnaut Daniel: réédition critique d'après Canello*, Toulouse, 1910, p. 81. ("Extrait des *Annales du midi*, tome XXII, 1910".)

(8) Ezra POUND, *The cantos (1-109)*, London, 1964, p. 93-94.

(9) Donald DAVIE, *Ezra Pound, poet as sculptor*, London, 1965, p. 133.

como uma figura cômica que fala um inglês esquisito, um pedante confuso que tem passado seis meses procurando, sem êxito, encontrar o significado de uma palavra e que não pode responder à pergunta feita por um jovem inteligente. Hugh Kenner, na sua erudita e poética exegese do Canto XX, (10) e Alexander H. Schutz, no seu estudo de Pound como provençalista, reconhecem a impossibilidade cronológica das supostas palavras de Levy mas lealmente deixam de criticar Pound, ainda que Schutz se pergunte "why, in Pound, all dialects are Germanic." (11) A injustiça de Pound em mofar assim do inglês de Levy é evidente quando notamos que os dois homens falaram em inglês, o que indica que Pound não sabia falar bastante bem alemão ou francês, línguas que teriam sido mais apropriadas na ocasião.

É difícil compreender porque Pound decidiu apresentar Levy assim, dessa maneira pouco lisonjeira, porque no seu livro *Instigations*, primeiro publicando em 1920, tinha declarado que "any man who would read Arnaut and the troubadours owes great thanks to Emil Levy... and to U.A. Canello... and lastly to René Lavaud".(12) É mais tarde no mesmo capítulo onde Pound oferece uma tradução da primeira estrofe da Canção XIII de Arnaut Daniel, ele baseia os últimos versos na leitura de Levy, ressuscitando um verbo obsoleto no processo:

T'equal that flower which hath such properties  
It seeds in joy, beards love, and pain ameisses.

"The last cryptic allusion," Pound explica, "is to the quasi-allegorical descriptions of love in some long poem like the *Romaunt of the Rose*".

O que parece curioso, explicável talvez apenas como uma coincidência singular, é que Pound em 1910, num contexto muito diferente, tinha chegado ainda mais perto à versão de Levy das palavras de Arnaut Daniel, quando escreveu no livro *The Spirit of Romance*, no "Praefatio ad Lectorem Electum":

Good art never bores one. By that I mean that it is the business of the artist to prevent ennui: in the literary art, to relieve, refresh, revive the mind of the reader — at reasonable intervals — with some form of ecstasy, by some splendor of thought, some presentation of sheer beauty, some lightning turn of phrase — laughter is no mean ecstasy. Good art begins with an escape from dullness.(13) (Grifo nosso.)

Lembremos que no mesmo ano de 1910 Lavaud traduziu a leitura de Levy assim: "Préservation d'Ennui".

(10) Hugh KENNER, *The Pound era*, Berkeley e Los Angeles, 1971, p. 114-17.

(11) Alexander H. SCHUTZ, "Pound as provençalist," *Romance Notes*, vol. III, nº 2 (Spring 1962), p. 62.

(12) Reimpresso em *Literary essays of Ezra Pound*, ed. T. S. Eliot, London, 1954 p. 295.

(13) Reimpresso em *The spirit of romance*, Norfolk (Conn.), 1952, p. 8.

Mas, ainda que Pound até 1920 evidentemente tivesse rejeitado *noigandres* e tivesse aceito a leitura sugerida por Levy, ele ressuscitou a palavra alguns anos mais tarde, como já vimos, no seu Canto XX, e isso resultou numa nova fase na carreira dela. Em São Paulo, três admiradores de Ezra Pound — Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari — leram o Canto XX e aceitaram a representação da perplexidade de Levy descrita por Pound que parecia fazer de *noigandres* “um termo que nem os romanistas sabem precisar”. Decidiram adotar a palavra estranha para os seus próprios fins e em 1952 premiarão-na com uma letra maiúscula, deram-lhe um significado novo e fizeram-na famosa internacionalmente pois começaram a chamar-se o grupo “Noigandres” e assim são reconhecidos como os fundadores e principais teóricos e praticantes da poesia concreta. Explicando o seu uso da palavra, os poetas brasileiros declararam que a tinham adotado “como sinônimo de poesia em progresso, como lema de experimentação e pesquisa poética em equipe”.(14) Num comentário sobre o assunto Mary Ellen Solt escreveu: “This puzzling word suited the purposes of the three Brazilian poets very well, for they were working to define a new formal concept. The name *Noigrandres* was both related to the world heritage of poems and impossible for the literary experts to define”.(15)

Assim, como consequência dos feitos dos poetas concretos de São Paulo, a palavra “Noigandres” renasceu e é destinada a viver para sempre, pelo menos nas histórias do movimento internacional da poesia concreta e nas histórias da literatura brasileira.(16) Quanto à poesia de Arnaut Daniel, entretanto, a leitura sugerida por Levy continua evidentemente a ser a única aceita pelos provençalistas, o que se pode ver na terceira e mais recente edição crítica das obras de Arnaut Daniel onde o redator, Gianluigi Toja, enquanto enumera todas as variantes dos versos em questão, declara que “l’única lezione soddisfacente è quella data dal Levy... e accettata dal Lavaud”.(17) Segundo Toja, “il nucleo lirico della canzone è il *joi*, rappresentato con simbolismo naturalistico, quale seme di dui l’amore è frutto, e profumo la liberazione dalla tristezza”.(18) Como a

---

(14) Augusto de CAMPOS, Décio PIGNATARI, e Haroldo de CAMPOS, *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos, 1950-1960*, São Paulo, 1965, p. 177.

(15) *Concrete poetry: a world view*, ed. Mary Ellen SOLT, Bloomington (Indiana) e London, 1970, p. 12.

(16) Além da antologia redigida por Mary Ellen Solt, ver *An anthology of concret poetry*, ed. Emmett WILLIAMS, New York, 1967, p. vi, e *Concrete poetry: an international anthology*, ed. Stephen BANN, London, 1967, p. 7. Ver também Alfredo BOSI, *História concisa da literatura brasileira*, São Paulo, 1970, p. 528.

(17) Arnaut DANIEL, *Canzoni: edizione critica, studio introduttivo, commento e traduzione*, ed. Gianluigi Toja, Firenze, 1960, p. 322.

(18) *Ibid.*, p. 321.

obra de Toja é considerada agora a edição definitiva das canções de Arnaut Daniel, pode parecer que o caso da misteriosa expressão do trovador afinal foi resolvido, e que mais discussões sobre o assunto seriam desnecessárias e sem proveito. Mas apesar de tudo persiste uma pequena dúvida. A leitura de Levy será realmente "l'única soddisfacente"? Especificamente, a leitura que Levy rejeitou de *de noigandres* não seria igualmente "soddisfacente"? Para chegar a uma resposta justa há alguns pontos que devem ser levados em conta que os comentaristas anteriores, parece-me, ou ignoraram ou não examinaram com cuidado:

1. Há quatorze manuscritos existentes da Canção XIII de Arnaut Daniel, segundo Toja e Canello. Nenhum desses manuscritos contém a leitura proposta por Levy (o que não significa, aliás, que essa leitura — "la *lectio difficilior*", como Toja indica(19) — não seja aceitável). As variantes que aparecem nesses manuscritos diferem muito entre si na maioria dos casos, mas a variante que aparece em mais manuscritos que qualquer outra é, em Canello, *de noigandres*, e, em Toja, *de noi gandres*.(20) Levy rejeitou a leitura de *de noigandres* e a de *de notz gandres* preferida por Raynouard porque, baseando-se sem mais explicação em uma tese escrita por Hermann Sternbeck em 1887, não aceitava a significação de "muscat" ou "noix muscade", como já indicamos.(21) Para Levy *gandres* era um infinitivo, uma outra forma de *gandir* com o significado em francês de "éviter". Mas *gandres* seguramente podia ter mais de um significado, e a prova disto é que de fato também aparece como adjetivo significando "beaucoup" em vários dicionários da língua provençal. Antes de rejeitar o possível sentido de "noz-moscada" parece-nos que seria preciso provar categoricamente que *no contexto do poema de Arnaut Daniel* essa acepção carece absolutamente de sentido.

2. É preciso lembrar que o glossário de 1819 de Rochevide e o dicionário de 1847 de Honnorat, já citados, incluem a palavra *noigandres* com a tradução em francês de "noix muscade" e que Raynouard, ainda que não incluía *noigandres* no seu *Lexique Roman* de 1836, inclui *gandres* com a tradução de "muscat". Também é importante salientar um ponto

---

(19) *Ibid.*

(20) É curioso notar que onde Canello (e Rochevide e Honnorat) lia uma palavra, *noigandres*, Toja lia duas palavras, *noi gandres*. No único manuscrito que eu pude examinar, o da biblioteca Pierpont Morgan em New York, que é o manuscrito "N" citado por Canello e Toja, a leitura dada por Toja, *noi grandes*, é correta; a leitura dada por Canello, *noigandres*, é errada.

(21) Levy se refere à tese *Unrichtige Wortaufstellungen und Wortdeutungen in Raynouard's Lexique Roman*, de Hermann Sternbeck, da qual só foi publicada a primeira parte, Berlim, 1887. Eu não pude examinar a segunda parte, inédita, onde Sternbeck presumivelmente discute a interpretação de *gandres* oferecida por Raynouard. Mas, por razões indicadas no meu texto, não acho que Sternbeck nem ninguém possa provar categoricamente que *gandres* ou *noigandres* ou *noi gandres* não podia significar "noz-moscada" no contexto do poema em questão.

que os comentaristas anteriores nunca notaram, isto é, que no grande dicionário de Mistral de 1879-86, *Lou Trésor dóu Felibrige*, a palavra *noi* aparece com o sentido em francês de "noix" no dialeto moderno da província provençal de Dauphiné.(22) Se *noi* significa "noix" num dialeto moderno de provençal, não será razoável aceitar a probabilidade de que tinha o mesmo sentido no provençal dos tempos de Arnaut Daniel? Seguramente é impossível refutar essa probabilidade.

3. Aceitando essas interpretações, resta, é claro, determinar se "noz-moscada" tem sentido no contexto do poema de Arnaut Daniel. Nenhum dos comentaristas que já trataram este assunto notou que noz-moscada é, depois de tudo, uma especiaria e que há séculos é considerada uma das especiarias que têm propriedades de ser um narcótico, um estimulante, um afrodisíaco. A *Encyclopaedia Britannica* indica que "the most notable uses of spices and herbs in very early times were in medicine, in the making of holy oils and unguents, and as aphrodisiacs".(23) Uma obra inglesa do século XVII observa que noz-moscada "is good for cold Husbands that would have Children".(24) O grande *Vocabolario degli Accademici della Crusca* diz que "noce moscada" é usada "come droga e come medicinale per le sue proprietâ aromatiche ed eccitanti". (25) Um livro recente que descreve especiarias declara que as nozes moscadas têm "a strong, peculiar and delightful fragrance" e que "they help digestion in stomachic weakness, but if used to excess may cause over-excitement. They increase circulation and animal heat".(26) Outro livro recente, tratando de drogas usadas por estudantes universitários, diz: "There are many other drugs, such as cocaine and peyote, that are highly regarded though a bit difficult to procure; some, like belladonna, ether and nutmeg are said to offer something but are hardly used because of the ready availability of LSD and marihuana".(27) E um estudo muito recente feito pelo governo do Canadá declara que noz-moscada, quando usada "in high dosage" é um alucinante como LSD e várias outras drogas do estilo".(28)

---

(22) Frédéric MISTRAL, *Lou trésor dóu felibrige, ou Dictionnaire Provençal-Français, embrassant les divers dialectes de la Langue d'Oc moderne*, 1879-86, reimpresso Osna bruck, 1966. Ver vol. II, p. 413, sob o verbete "Nose".

(23) *Encyclopaedia Britannica: Macropaedia*, 15ª ed., Chicago e London, 1974, vol. XVII, p. 503.

(24) William COLES, *Adam in Eden, or natures paradise: the history of plants, fruits, herbs and flowers*, London, 1657, p. 253-54.

(25) *Vocabolario degli accademici della crusca*, 5ª impressão, Firenze, 1923, vol. XI, p. 170.

(26) Mrs. M. GRIEVE, *A modern herbal*, 3ª impressão, New York e London, 1967, vol. II, p. 504.

(27) James T. CAREY, *The college drug scene*, Englewood (N. J.), 1968, p. 149.

(28) *The non-medical use of drugs: interim report of the Canadian Government's Commission of Inquiry*, London, 1971, p. 202.

4. Vejamos agora se “o aroma de noz-moscada” teria algum sentido aceitável na canção de amor oferecida à sua dama por Arnaut Daniel. É preciso lembrar que para muitos estudiosos a poesia de Arnaut Daniel é fortemente sensual e, como veremos mais tarde, cheia de ambigüidades, de palavras de duplo sentido. Os comentaristas anteriores não notaram que os versos da Canção XIII que seguem os versos em questão são claramente sensuais:

D'amor me per penssan lo fuocs  
el desiriers doutz e coraus.

Ou, para dar a tradução em francês de Lavaud: “Quand je songe, le feu d'amour me saisit, ainsi que le désir doux et pénétrant”. É muito interessante é o primeiro verso da quarta estrofe desta canção dirigida à dama do trovador:

Mont désir qu'enquer li fos cuocs.

Ou, traduzido por Lavaud: “Je désirerais fort être son cuisinier”. Aqui Lavaud inclui uma nota explicando que isso é uma alusão a um fato real, que Arnaut Daniel já tinha sido cozinheiro da sua dama. Lavaud logo indica que os trovadores, viajando de uma corte a outra, traziam não só notícias sobre eventos políticos e outros eventos, mas também “des recettes de cuisine”.(29)

Levando tudo isso em conta, seguramente é razoável aceitar a forte possibilidade de que Arnaut Daniel o poeta, cantando à sua dama do aroma de *noigandres* (ou de *noi gandres*), o que implicaria a presença da própria substância, tinha em mente a especiaria de noz-moscada que Arnaut Daniel o cozinheiro saberia preparar como estimulante erótico ou afrodisíaco. Seguramente agora é possível considerar que a leitura de *de noigandres* (ou de *de noi gandres*) no sentido de “de noz-moscada” é pelo menos tão “soddisfacente” como a leitura de *d'enoigandres* no sentido de “afastar o tédio” sugerida por Levy.

5. Mas há ainda mais que se pode dizer sobre este assunto. Todos os comentaristas reconhecem Arnaut Daniel (e nem sempre duma maneira favorável) como o mais manhoso, o mais ardiloso dos trovadores provençais, como um poeta que freqüentemente usa palavras e frases estranhas, obscuras e difíceis, que gosta de jogar com palavras e que enche a sua poesia de trocadilhos e expressões de duplo sentido. Raynouard notou em 1820 que Arnaut Daniel “semble avoir affecté la bizarrerie des idées, l'obscurité des expressions, l'incohérence des images; on remarque dans ses vers des rimes, des coupes de vers audacieusement recherchées”.(30)

(29) Lavaud, p. 83.

(30) RAYNOUARD, *Choix des poésies originales des troubadours*, Paris, 1820, vol. V, p. 31.



O Professor C.H. Grandgent, na sua bem conhecida edição da *Divina Comédia* de Dante, descreve Arnaut Daniel (que Dante chamava "il Miglior fabbro del parlar materno") como "the most minutely ingenious and metrically resourceful but at the same time one of the most laborious and tiresome of the Provençal versifiers. His works are a mosaic of odd conceits and rare and difficult forms".(31) Além de Dante, podemos mencionar aqui que Petrarca também admirava Arnaut Daniel, chamando-o o "gran maestro d'amor, ch'a la sua terra ancor fa onor, col suo dir strano e bello".(32) Para Ezra Pound, Arnaut Daniel era "the best artist among the Provençals, trying the speech in new fashions, and bringing new words into writing, and making new blendings of words, so that he taught much to Messire Dante Alighieri... And long before Francesco Petrarca, he, Arnaut, had thought of the catch about *Laura*, *laura*, *l'aura*, and the rest of it, which is no great thing to his credit".(33) Num estudo recente e muito cuidadoso de um dos poemas mais famosos de Arnaut Daniel, Charles Jernigan mostra que nesse poema até aqui mal compreendido o trovador estava jogando um jogo cheio de trocadilhos complicados de uma natureza carnal, sexual e até cômica.(34) E num outro estudo recente Peter E. Bondanella também revela os elementos sensuais com expressões de duplo sentido em várias poesias de Arnaut Daniel.(35)

6. Aceitando este bem reconhecido gosto de Arnaut Daniel em fazer trocadilhos, vamos agora reconsiderar a leitura de Levy de *d'enoï gandres* e a leitura que ele rejeitou de *de noigandres* e temos de chegar à observação muito interessante de que nos tempos de Arnaut Daniel as duas leituras sem dúvida teriam sido pronunciadas exatamente da mesma maneira. Assim não é muito difícil acreditar na possibilidade de que Arnaut Daniel aqui estava fazendo um trocadilho original, ingenioso e complexo, porque a noz-moscada (*noigandres*, ou *noi gandres*) com as suas propriedades narcóticas e/ou afrodisíacas, sabidamente preparada pelo cozinheiro cantante Arnaut Daniel para si e/ou para a sua dama, poderia, depois de tudo, causar *enoï gandres*, isto é, "Préservation d'Ennui" (Lavaud) e "liberazione dalla tristeza (Toja), e serviria para "ameise" a dor (Pound), e resultaria, como a erudita Linda M. Paterson escreveu muito recentemente, numa "flight from sorrow".(36)

(31) *La Divina Commedia di Dante Alighieri*, ed. C. H. Grandgent, ed. rev., Boston, 1933, p. 562.

(32) Citado em *Anthology of troubadour lyric poetry*, ed. Alan R. PRESS, Austin (Texas), 1971, p. 174.

(33) POUND, *Literary essays*, ed. T. S. Eliot, New York, 1954, p. 110-11.

(34) Charles JERNIGAN, "The song of mail and uncle", — *Studies in philology*, vol. LXXI, n° 2 (April 1974), p. 127-51.

(35) Peter E. BONDANELLA, "Arnaut Daniel and Dante's *Rime Petrose*" *Studies in philology*, vol. LXVIII, n° 4 (October 1971), p. 416-34.

(36) Linda M. PATERSON, *Troubadours and eloquence*, Oxford, 1975, p. 187.



Resta só observar que este tipo de trocadilho complexo seguramente agradaria certos outros poetas que também se interessavam muito em encontrar novas maneiras de usar a linguagem e que gostavam de jogar com palavras — a saber, os poetas concretos do Brasil: o grupo “Noigandres” de São Paulo, que agora poderia talvez aceitar Arnaut Daniel como um antepassado espiritual do século XII.